

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA  
ESCOLA

Baltazar Nunes de Sousa

Sexualidade e Gênero: O Silenciamento através do ocultamento de livros sobre sexualidade e gênero nas bibliotecas escolares, e como este simulacro contribui para a fomentação da homofobia e discriminação.

Belo Horizonte

2015

Baltazar Nunes de Sousa

Sexualidade e Gênero: O Silenciamento através do ocultamento de livros sobre sexualidade e gênero nas bibliotecas escolares, e como este simulacro contribui para a fomentação da homofobia e discriminação.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Genro e Diversidade na Escola, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Professor e Dr. Paulo Henrique

Belo Horizonte

2015

Dedico este trabalho a minha esposa Patrícia Borges e as filhas, Audrey Verônica Freitas Nunes de Sousa, Waleska Jaclyn Freitas Nunes de Sousa e ao meu filho, César Thierry Freitas Nunes de Sousa.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais (In Memoriam) que me ensinaram os primeiros passos, em sua simplicidade, semialfabetizados que eram instruíram-me a ser honesto e perseverante nos objetivos. Diziam sempre “Quem persevera um dia alcança”. Essas sábias palavras me acompanham, e quando os obstáculos surgem me valho delas para superá-lo.

Agradeço ao Deus maior que habita em cada um de nós independente da religião pela qual nos orientamos. O que importa é fazer o BEM, sempre.

Agradeço a minha esposa, que me deu força para poder prosseguir, incentivando-me em todos os momentos da minha vida pessoal e profissional, e aos sábados de encontro no curso nos dirigíamos juntos para o campus da UFMG.

Agradeço aos meus filhos que ficaram sem minha presença física aos sábados, tempo exíguo para os nossos encontros e conversas entre pai filhas e filho, durante este período, mantivemos nossa proximidade através das tecnologias do mundo moderno.

Agradeço aos professores, aos funcionários do curso, que direta e indiretamente estiveram envolvidos dando suporte de alguma forma. Aos técnicos da plataforma moodle que, propiciaram recebermos os textos e aos nossos professores e orientadores receberam os nossos trabalhos.

Agradeço aos colegas de todas as turmas que me possibilitaram ampliar meus conhecimentos, através de nossas discussões nos encontros quinzenais, contribuições valiosas para o enriquecimento da criticidade e visão mais independente sobre a temática.

Agradecimentos especiais as minhas tutoras, orientadoras, ao orientador final, inclusive pela paciência, pelas orientações a distância possível pelas novas tecnologias que encurtam espaços e aproximam pessoas quando bem utilizadas, e por acreditarem sempre em nossa capacidade, pelo retorno das discussões e avaliações desenvolvidas através da plataforma moodle.

E não poderia deixar de reconhecer o meu esforço, vontade de aprofundar na temática e entender por que evitam discutir o tema no espaço escolar, e as publicações a respeito são tão escassas nas bibliotecas escolares, apesar dos obstáculos e tempo exíguo.

*“O único bem não transitório da humanidade é seu crescimento  
intelectual, emocional, cultural e espiritual. ”*

João Paulo Couto

## RESUMO

Este trabalho de análise teórica foi desenvolvido com o objetivo de mostrar, o quanto a falta de exemplares de livros paradidáticos nas bibliotecas escolares podem contribuir para o silenciamento e discriminação dos considerados desviantes. A escolha dos textos e livros paradidáticos que abordam a temática se deu em função das teorias estudadas durante as aulas no campus. Uma vasta literatura que aborda gênero, sexualidade homossexualidade, binarismo, hegemonia e heteronormatividade, instigou-me a aprofundar no assunto e analisar o quanto a temática está ou não inserida no espaço escolar. Como é abordada e, em caso negativo as consequências que sofrem os sujeitos que adotam uma forma diferente de vivenciar a sua sexualidade. Inúmeras perguntas surgiram procurei abordar a todas de maneira simples, pois não falta teoria sobre o assunto, mas estão num linguajar muito técnico dificultando até mesmo a compreensão dos mais atentos. A construção das identidades embora seja voláteis, estão diretamente ligadas à sexualidade dos sujeitos, a começar pelo binarismo, homem/mulher atribuindo-lhes uma identidade antes mesmo de nascer. Procurei clarear e entender a diferença entre gênero e sexualidade. Preocupe-me muito em explicitar o quanto os comportamentos sociais, a opção sexual, as identidades construídas socialmente servem de pretexto para silenciar, discriminar os sujeitos de opção sexual que não se encaixam dentro da heteronormatividade hegemônica. O quanto os movimentos feministas e homossexuais tem sido efetivos na conquista de direitos e igualdade, cada qual a seu modo, tornando se visíveis, saindo da condição da abjetos para a condição de seres humanos. O quanto o silêncio tem sido o elemento significante na anulação dos sujeitos considerados desviantes em todos os espaços sociais, incluindo o espaço escolar, quando se evita trazer para a discussão a sexualidade, seus significados na vida dos sujeitos sociais. E por fim faço uma análise sobre a sexualidade e as dimensões sociais e os vários mecanismo de regulação e silenciamento dos sujeitos fazendo uma conexão bem sutil com os movimentos feministas.

Palavras chaves: gênero, sexualidade, silêncio, heteronormatividade.

## **ABSTRACT**

This theoretical analysis work was developed with the aim of showing how much the lack of copies of textbooks books in school libraries can contribute to the silencing of discrimination and considered deviant. The choice of texts and textbooks books that address the topic was due to the theories studied during classes on campus. A vast literature that addresses gender, sexuality, homosexuality, binary, hegemony and heteronormativity, prompted me to delve into the issue and analyze how the subject is or is not inserted at school. As it is addressed and, if not the consequences suffered by subjects who adopt a different way to experience their sexuality. Numerous questions arose tried to address all simply because they do not lack theory on the subject, but they are a very technical language difficult even to understand the most attentive. The construction of identities although volatile, are directly linked to the subject's sexuality, starting with the binary, man / woman assigned them an identity even before birth. I sought to clarify and understand the difference between gender and sexuality. I worried a lot in explaining how social behaviors, sexual option, constructed identities socially serve as a pretext to silence, discriminate the subjects of sexuality that do not fit within the hegemonic heterosexuality. How feminist and gay movements have been effective in winning rights and equality, each in its own way, making it visible, leaving the abject condition to the condition of human beings. How much silence has been a significant element in the invalidation of the subjects considered deviant in all social spaces, including the school environment, when it avoids bringing to discuss sexuality, their meanings in the lives of social subjects. And finally do an analysis of sexuality and social dimensions and the various regulatory mechanism and silencing the subjects making a very subtle connection with feminist movements.

Key words: Gender, sexuality, silence, heteronormativity

## SUMÁRIO

<b>1.0 Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Problema .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Objetivo .....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Hipótese .....</b>	<b>18</b>
<b>1.4 Fundamentação Teórica .....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 1 .....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 3.....</b>	<b>31</b>
<b>Capítulo 4.....</b>	<b>37</b>
<b>Capítulo 5.....</b>	<b>42</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>48</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

Sou professor desde 2001, quando concluí meus estudos em letras, desde então tenho trabalhado nas redes estadual e municipal, no ensino fundamental e jovens e adultos, sempre em áreas de vulnerabilidade social, onde a escola não é tida como meio de mudança social.

Sempre me incomodou as brincadeiras e piadas sejam elas contra as mulheres, homoafetivos, negros e outras minorias. Mas em nenhum momento a escola procurou trabalhar ou orientar seu corpo docente, para combater de maneira efetiva as discriminações, sejam diretamente como disciplina ou através de projetos.

O meu incomodo agravou quando um sobrinho assumiu-se como transexual e sofreu no seio da própria família discriminação. Alguns não aprovaram a sua escolha, sempre com aquele discurso machista ou religioso arraigado para justificarem-se.

Os motivos acima citados é que me levaram a estudar para entender o porquê as pessoas, incluindo os familiares tem tanta dificuldade em aceitar e lidar com as diferenças, onde está o início de tudo isso.

Foi nos textos lidos durante o curso no GDE que pude entender a dinâmica social da discriminação, a construção histórica e o silenciamento dos considerados desviantes. Mas não só eles sofrem com o preconceito, o problema é muito maior, envolvem mulheres, principalmente as homoafetivas, as negras, as pobres e aquelas que não atendem aos padrões de beleza europeia.

Na minha ingenuidade não entendia o que era o preconceito, e às vezes comunguei com pessoas que o praticava sem me dar conta de era também vítima. Por ser pobre e de família numerosa, consegui fazer o ensino fundamental em uma escola estadual renomada em minha cidade de origem, depois de passar em uma prova de admissão.

A maioria do alunado eram filhos de pessoas abastadas economicamente, eu não era aceito nos grupos, nos intervalos não era aceito nas equipes, restando-me apenas observar os demais se divertirem, no futebol, no tênis de mesa, ou em outras brincadeiras.

Meus pais serviam aqueles com sua força de trabalho, eram subservientes, por isso não entendiam a discriminação que sofriam. Entendo-os, pois, após anos de estudo, é que pude entender a dimensão da discriminação e suas raízes.

É necessário que a escola urgentemente reveja sua pedagogia e seu currículo, inserindo nele as temáticas de gênero e relações étnico racial, as gerações futuras possam aceitar e respeitar os diferentes, sejam nas condições econômicas, étnica, religiosa, e opção sexual.

Entenda que cada um possa experienciar seu corpo da forma que lhe dê prazer, seja respeitado acima de tudo como ser humano, que a sexualidade seja assunto do indivíduo com suas particularidades e respeito ao outro.

Se não formos sujeitos do prazer e do respeito, então como explicar que a continuação da vida é senão fruto do dele.

## 1.1 PROBLEMA

As bibliotecas das escolas municipais de Belo Horizonte na região do barreiro, tem um acervo diversificado e sempre renovado. Uma bibliotecária é responsável por algumas bibliotecas as quais ela visita periodicamente, orientando as auxiliares que nelas trabalham e verificando as obras disponíveis e as demandas da comunidade escolar.

Nas bibliotecas da rede estadual, com raras exceções o acervo nem sempre é recomposto, além do número restrito de exemplares. Escolas mais tradicionais possuem obras mais atualizadas, normalmente objetos de doações de editoras ou por pessoas da comunidade ligadas a escola por várias razões, não vamos mencioná-las aqui.

O mérito não é avaliar todo o acervo das bibliotecas mas, alguns volumes específicos, designadamente os de Gênero e Sexualidade. Identificar e analisar nas bibliotecas selecionadas, os exemplares que contemplam o assunto apropriadamente para esclarecer ao público que as frequenta sobre gênero e sexualidade.

A linguagem e sua abordagem é outro problema a ser analisado nos livros paradidáticos e literários se os encontrarmos. Como instrumento político positivo ou derogatório ou preconceituoso, a linguagem assume significados que a sociedade lhe dá, por isso o cuidado ao usá-la ou a falta dela tem o mesmo efeito, positivo ou negativo.

O objetivo é retirar a temática da obscuridade, trazê-la a discussão, romper paradigmas e quebrar preconceitos. Um dos mecanismos são os livros, através deles pode-se esclarecer sobre gênero e sexualidade, e compreender o conjunto de características sexuais, discutir a binaridade masculino e feminino que acompanha os indivíduos em sua vivência

Homem ou mulher nem sempre corresponde ao sexo biológico: travestis e transexuais, representam identidades que fogem ao binarismo hegemônico. Romper com estas fronteiras é transgredir padrões sociais pré-estabelecidos, é assumir uma identidade considerada anormal, diferente do natural, e assumir os diversos tipos de retaliações, preconceitos é se colocar ao alcance de julgamentos enquanto minoria de direitos.

Analisar gênero e sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual e sua abordagem nos livros paradidáticos e literários, é trazer a discussão para o âmbito

escolar, dentro de suas bibliotecas, em uma clara demonstração de repúdio ao pensamento de que estes assuntos devem ficar do lado de fora.

## 1.2 OBJETIVO

Para alcançarmos nosso objetivo escolhemos duas bibliotecas de escolas municipais de Belo Horizonte e uma de escola estadual situada na cidade de Ibirité na região metropolitana.

Toda a nossa experiência, vivências de mundo, nossas relações sociais e o modo como o ambiente familiar dá significado as coisas, às pessoas e os eventos em sociedade é mediada pela linguagem. A linguagem faz parte do sentido que damos ao que está no mundo a nossa volta. Que sentido os livros paradidáticos e os literários dá ao tema gênero e sexualidade.

O quanto à falta dessa abordagem de modo extenso sem os tabus sociais, binariamente estabelecidos, podem silenciar os indivíduos que entendem e vivenciam o gênero e a sexualidade diferentemente dos conceitos pré-estabelecidos.

Para discutir o pensamento dicotômico, binário:

*É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (Louro, 1997 pág. 25).*

E o quanto a falta de literatura contribuem para reforçar a discriminação e o silenciamento de pessoas que ousam ter uma sexualidade diferenciada dos padrões heteronormativos, e como a sociedade valoriza uma em detrimento da outra.

Apontar as dicotomias e a falta de edições de literatura ou livros paradidáticos, que esclareçam sobre gênero e sexualidade, é trazer uma pequena contribuição para que surjam novas pesquisas e estudos que contribuam para desfazer o mal entendido e romper com arquétipos sociais estabelecidos principalmente em relação à sexualidade.

Não se pretende aqui esgotar o assunto, pois, ele se encontra na insulamento escolar, mas antes trazê-lo a discussão e lançar luz sobre uma temática silenciada e evitada no meio estudantil. Quando optamos por pesquisar nas bibliotecas as literaturas disponíveis

que abordam o t3pico g4nero e sexualidade 4 no sentido de *desconstruir* o car4ter hegem3nico e permanente da posi33o bin4ria" masculino-feminino, como nos diz Louro: *...na compreens3o das sociedades um pensamento dicot3mico e polarizado sobre os g4neros; usualmente se concebem homem e mulher como p3los opostos que se relacionam dentro de uma l3gica invari4vel de domina33o-submiss3o. Para ela seria indispens4vel implodir essa l3gica.*

Desfazer essa l3gica dicot3mica e machista instituída socialmente 4 tomar consci4ncia de que homens e mulheres podem assumir diversas identidades, exercer diversos papeis, 4 reconhecer a diversidade de g4nero e de que as pessoas podem vivenciar seus prazeres corporais respeitando e sendo respeitadas em suas op33es de viverem sua sexualidade.

Toda pesquisa precisa inicialmente definir seu objeto de estudo, definir um problema e buscar respond4-lo. O objetivo precípua 4 analisar livros paradid4ticos e liter4rios de escolas p3blicas e, tentar responder se o conte3do que eles abordam fornecem elementos suficientes para o combate a homofobia ou se antes favorecem o silenciamento e a segregaç3o dos n3o heteros.

A exist4ncia de literatura sobre g4nero e sexualidade nas bibliotecas escolares tem contribuído nas pr4ticas educativas e na desmistifica33o de diferen3as socialmente construídas nas rela33es de g4nero. At4 que ponto o ocultamento das bibliografias e as pr4ticas docentes s3o fatores determinantes de silenciamento e crescimento da homofobia no esp3o escolar.

### 1.3 HIPÓTESE

Ao longo de minha trajetória como professor sempre me inquietou o preconceito, a discriminação, e os comentários jocosos em relação às pessoas de orientação sexual diferente, embora em minha adolescência e juventude, eu não quisesse ter contato com as mesmas para não ser considerado uma delas.

Observando as salas de aula pude notar que a mais insignificante conduta fora dos padrões heteronormativos, é motivo para o afastamento, discriminação e diante disso:

*“O principal desafio para a educação do século XXI é aprender a viver juntos, que requer o desenvolvimento de nossa habilidade de equipar pessoas com capacidades para lidar com as diferenças... no interior de sociedades cada vez mais multidiversas (UNESCO, 2009, p. 115-6)*

Um dos maiores desafios de todas e todos envolvidos com a educação é transformar o escola num espaço livre para as discussões de gênero e sexualidade, que ela avance, aprenda e ensine a viver e conviver juntos, considerando a pessoa humana independente da orientação sexual ou religiosa, que tenha a capacidade de reconhecer a multidiversidade rompendo com os construtos sociais europeizados, dicotômicos, hegemônicos e heteronormativos.

A escola deve ser um espaço de polarizações em seus diversos espaços e espaços diversos, lobrigando os estudantes como sujeitos complexos, que demandam os mais variados conhecimentos incluindo gênero e sexualidade, para que possam vivenciá-la com intensidade e respeito a si mesmo e ao outro, sem querer anulá-lo, silenciá-lo e discriminá-lo.

## 1.4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Analisando as teorias estudadas durante o curso, “Gênero e Diversidade na Escola” com maior ênfase nas autoras e atores que abordam o assunto, percebe-se o quanto no espaço escolar a compreensão de gênero está centrada no binarismo masculino feminino, regido pela genitália, pênis e vagina, esta é a concepção de gênero tanto de educando quanto de educadores.

Refletir sobre gênero e sexualidade é tentar elucidar as confusões sobre o tema, na perspectiva de auxiliar no entendimento sobre a temática para romper com paradigmas e quebrar preconceitos. Gênero sob a luz de teóricos renomados, é uma construção social e está conectado as possíveis identidades.

Gênero é perceber-se homem ou mulher independente da genitália, independente do corpo que se tenha, é sentir-se na totalidade completo como ser humano, dotado de sentimentos e livre para expressá-lo com quem o aceite e respeite.

O gênero está mediado por determinadas práticas humanas, nas diversas sociedades intercalados por discursos e linguagem empregados, variando segundo os contextos sociais e histórico específicos de cada sociedade.

A luz das teorias verificaremos o quanto os discursos contidos nos livros das bibliotecas escolares são fatores determinantes para silenciar ainda mais os sujeitos cujo os gêneros transgridem as formas hegemônicas de agir e pensar o próprio corpo pois,

*Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à **construção social do sexo anatômico**. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. (Gênero e Diversidade na Escola, 2009, Pag. 28.)*

Trata-se, portanto, de um estudo documental de análise, cujo foco são as práticas discursivas e os sentidos, é a linguagem em ação, sentidos sempre múltiplos ou a falta deles, pois nem sempre a linguagem é capaz de dizer tudo, mas o silêncio pode dizer muito mais.

O silêncio reflete a indiferença, o ignorar o outro, não percebê-lo como sujeito social e histórico, com suas escolhas sejam elas sexuais, religiosas, culturais ou étnicas.

## **CAPÍTULO 2: AS FRONTEIRAS TÊNUES ENTRE GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE, SEUS SIGNIFICADOS CULTURAIS E SOCIAIS.**

Os primeiros questionamentos sobre gênero aconteceram ainda no século XIV quando Christine Pisan foi à primeira mulher a ser aceita como poeta em uma sociedade machista, dominada por homens.

Ela mostrou em seus discursos bem articulados politicamente em favor dos direitos femininos. Já naquela época reivindicava o envio das meninas as escolas e, que fosse dado a elas o direito de aprender as artes e as ciências ensinadas aos meninos.

Mas foi a partir dos anos 60 que os movimento feministas começam a evidenciar a desconstrução dos gêneros, e propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e igualdade de direitos inclusive os políticos.

Todo movimento social vem em ondas e o feminista não foi diferente, a primeira onda ocorreu em alguns países Europeus, nesses espaços as mulheres reivindicavam direitos de serem mais independente em suas decisões, inclusive em relação aos casamentos arranjados. Guacira Louro (1999) ressalta que a “primeira onda” do feminismo começa no séc. XIX com as “manifestações contra a discriminação feminina”.

As reivindicações feministas, focavam originalmente na promoção da igualdade dos direitos, igualando-os entre homens e mulheres. No entanto, no fim do século XIX, o ativismo passou a se focar principalmente na conquista de poder político, especialmente o direito ao voto por parte das mulheres.

Na segunda onda as mulheres lutavam pela valorização do trabalho feminino e por direito ao prazer e contra os abusos sexuais. O movimento tinha como lideres professoras universitárias, mas não se dava visibilidade a outras raças, não visibilizava a mulher negra, de periferia e pobre. O movimento tinha como ativistas mulheres brancas de classe social mais elevada.

A terceira onda discute todos os paradigmas das ondas anteriores. Surgem as críticas de Judith Butler, ela aponta falhas no discurso universal, ele não atendia a todas as mulheres dos diferentes níveis sociais, era totalmente excludente.

As opressões atingem as mulheres de maneira diferente, era necessário dar visibilidade as outras classes sociais, fazer uma discussão com recorte de raça/classe, negras/pobres, escolarizadas/não escolarizadas e de outras etnias menos visibilizadas.

Isso comprova que as reivindicações anteriores tiveram como parâmetro a mulher branca europeia, acadêmica de classe social mais elevada, atendendo a uma conceito hegemônico de sociedade.

Depois de todas as lutas e movimentos as mulheres perceberam que não estava de todo ruim mas, que os direitos não foram alcançados como imaginaram. Notaram que as diferenças entre sexos, construídas social e culturalmente ainda se mantinham.

Aumentavam as possibilidades de conquistas, mas essas diferenças que ainda persistiam entre homens e mulheres eram utilizadas para criar hierarquias e poderes desiguais, e muitos direitos tinham ainda de serem conquistados.

Para Louro (1999), uma das mais significativas conquista feministas era seu caráter político, subvertendo as condições domésticas para “o fazer acadêmico”. Afirma que:

*Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa. Assumia-se, com ousadia, que as questões eram interessadas, que elas tinham origem em numa trajetória histórica específica que construí o lugar social das mulheres que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança (LOURO, 1999, p.19).*

É com esse pensamento de dar visibilidade ao antes considerado sexo frágil, circunscrito a quatro paredes, cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos e do marido, começa a ganhar visibilidade ainda que restrita, através do meio acadêmico e da mídia feminina construída e circulante na sociedade, embora muito timidamente.

É nesse contexto de luta feminina que a palavra gênero passa a ser utilizada como um construto social, não é algo natural como o sexo, e passa a ser usado referindo-se também aos homens, não apenas as mulheres, por isso são ressaltadas as concepções de gênero no interior de cada sociedade, ao considerar os diversos grupos que a constituem, e que darão concepções diferentes ao gênero.

O gênero nas sociedades tem funcionado como demarcador de hierarquias entre corpos sexuados, sempre na dicotomia masculinos/femininos, heterossexual/homossexual, público/privado.

O masculino socialmente considerado o provedor, o forte, o quase invencível, o trabalhador fora do domicílio, transfere num jogo hierárquico ao feminino as obrigações domésticas, o cuidar dos filhos, do lar, do marido, sexo frágil por natureza, carente de proteção masculina, portanto deverá submeter-se a este.

*O gênero para Butler são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos femininos ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2008,24).*

Para Butler sendo o gênero uma construção social estabelece relações de poder, constrói-se uma hierarquia, um impõe as normas e o outro obedece, sempre na condição binária, em sentido oposto, um tendo o domínio sobre o outro, mas não está restrito a corpo sexuados, é volátil como o são as identidades.

A sociedade e as culturas ocidentais, abriga-se na continuidade entre sexo-gênero-sexualidade, o que sustenta a constituição e legitimação de uma sociedade com base na família mononuclear, com a finalidade precípua de reprodução sexual sob a bandeira da heterossexualidade.

Esta forma de articulação entre corpo, gênero e sexualidade torna-se operante no interior da sociedade que a constitui e que permite que ela funcione, o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito, nesta perspectiva é necessário desconstruir os gêneros, pois

assim, será também desconstruído os sexos, ou o binarismo que acomoda gênero e sexo em corpos opostos.

Com o pensamento de desconstrução do gênero é que surge a onda feminista com a celebre frase de Simone Beauvoir “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”. Causando um grande impacto no meio feminino jamais visto, e repetido mundo afora entre mulheres das mais variadas posições sociais.

Creio que a mesma frase de Beauvoir pode se aplicar ao masculino “*Ninguém nasce homem: torna-se homem*” e ser homem é aprender a respeitar as diferenças entre os seres, indistintamente mulher/homem independente do rótulo sexual, mas o ser humano em sua totalidade.

O fazer-se mulher tornou-se ato inaugural, romper com o mononuclearismo e o binarismo hegemônico instaurado, a luta por direitos iguais tornou-se a bandeira feminista.

*Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura. (LOURO, 2008, 17)*

Este conceito foi o detonador de reflexões sobre gênero e sexualidade. Tendo consequências também no masculino, para se fazer homem requer também investimentos continuados, pois, nada é natural, pronto, acabado, tudo é construído socialmente e culturalmente. E Louro explicita bem quando nos diz:

*Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente. (LOURO, 2008, 18).*

O gênero e a sexualidade se dá através de um processo sutil e sempre inacabado, está constantemente em construção, e alguns atores influenciam decisivamente nesse processo, família, igreja, escola, religião e outras instâncias sociais, pois ele se dá ao longo de toda a vida dos indivíduos. É nesse contexto que as identidades são construídas e desconstruídas.

Para o senso comum sexo e gênero tem o mesmo significado, enquanto o gênero é construído nas relações de trabalho, no lazer, na política, na família, na igreja, ele é ainda determinante nas relações de poder, fazendo distinções entre homens e mulheres, um considerado forte, capaz, e o outro frágil, necessitado de cuidados sempre dependente da proteção do masculino.

O sexo remete a algo privado, evitado nas discussões escolares ou em família, por isso abre uma cisão tão radical entre sexo e gênero, que levanta dúvidas sobre ambos. Para Butler, sexo é construído e é tão culturalmente construído quanto gênero: “*a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma*” (BUTLER, 2008,25).

Ou seja, a estabilidade pré-estabelecida e eficientemente assegurada entre binarismo sexo/gênero só é possível através do discurso. Butler nos remete ao questionamento da materialidade do sexo, por ser este construído pelo discurso.

O sexo também não é natural nem neutro, mas está circundado pelas regras sociais que o constrói, portanto não há uma identidade pré-estabelecida, mas direcionada a uma identidade heterossexual considerada natural nas relações humanas, e é nela que os corpos se inscrevem.

Não é fácil distinguir as fronteiras entre gênero e sexo, pois são construídos socialmente e pelo discurso, na linguagem instrumento político de poder, de inclusão e exclusão dos sujeitos, entretanto é possível perceber que a distinção sexual serve para justificar as desigualdades sociais. Louro, leva-nos a demonstrar e necessidade de questionar “*que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, ...*” nas sociedades heteronormativas.

A sexualidade é outra categoria instituída por conceitos sociais é algo definido e imposto pelos adultos, não é assunto para crianças, não é permitido que a criança fale, pense ou sinta tudo o que ela deseja, é a sociedade quem determina como meninos e meninas expressam sobre sua sexualidade. Mas as criança elaboram suas próprias teorias e respostas sobre as mesmas.

O adulto como ser social esquece de que a sexualidade é uma dimensão da existência, que não tem idade, e pode ser experimentada muito cedo, a criança tem suas próprias teorias sexuais através de suas vivências e são próprias de cada indivíduo, estas vivências são únicas. Louro, diz: *fica extremamente problemático aceitar que um polo tem o poder — estavelmente — e outro, não*”. Fica evidente nas palavras da autora a dificuldade da sociedade na pessoa do adulto em lidar com a sexualidade devido à própria dificuldade em compreender a sexualidade humana.

É preciso construir uma sexualidade humanizada, lúdica e erótica, isto só é possível mediante uma relação de afeto, confiança e compreensão. É necessário ter em mente que não se ensina a sexualidade, dá-se as condições para que o ser humano a desenvolva.

Devolve-se no indivíduo a capacidade intrínseca de vivenciar sua sexualidade com liberdade, segundo Louro, “*Não há poder sem liberdade e sem potencial de revolta*”. É na capacidade de se indignar do ser humano que ele constrói a competência de ser liberto e ter o poder, não um poder coercitivo mas, produtivo e positivo.

Pode-se compreender a sexualidade como as práticas eróticas humanas e também culturalmente determinada. Para a maior parte da sociedade ocidental, a heterossexualidade é a atração erótica de indivíduos de sexo opostos, sempre no sentido da procriação e perpetuação da espécie, é algo inerente da espécie humana. Fora dessa concepção binária não é permitida outras manifestações eróticas e deverão às mesmas ser punidas, afastadas do convívio social, são considerados comportamentos abjetos.

As novas tecnologias de reprodução colocaram em xeque este pensamento ocidental, hoje é possível a reprodução por meios artificiais de fecundação, desvinculando a sexualidade da reprodução.

*Hoje, tal como antes, a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas. (LOURO, 2008, 21).*

Sexualidade é aquilo que o sujeito humano pode viver através de seu corpo de forma erótica com pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente, sem a necessidade ou com a responsabilidade de perpetuação da espécie humana, mesmo sob a vigilância social que desde a infância determina os comportamentos sexuais e corporais.

Mesmo diante de tanta repressão sobre os corpos, vigilância acirrada, normas de como viver a sexualidade e sua finalidade social, ainda assim, aprendemos a sexualidade, através dos discursos midiáticos, na igreja, na família, na escola, na literatura, nas ciências e em todos os espaços sócio culturais apesar dos todos os interditos sociais. E são:

*As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. (LOURO, 2008, 22).*

As fronteiras entre gênero, sexo e sexualidade são tênues ou inexistentes, a única certeza é que são construções sociais mediadas pelo discurso, pela linguagem, pelo silêncio, um não é mais importante que o outro. O importante é saber de sua existência e o significado social que eles têm.

*Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. (LOURO, 2008, 22).*

Mesmo entre as mais renomadas teóricas sobre o assunto há divergência, mas todas concordam, são categorias construídas na e pela sociedade.

### **CAPÍTULO 3: O SILÊNCIO COMO ELEMENTO DE SEGREGAÇÃO DE PESSOAS CONSIDERADAS DESVIANTES**

As sociedades modernas são do barulho, o silêncio incomoda, ninguém o observa, não lhe dão importância, a não ser em locais específicos, nos templos, em hospitais ou em lugares dedicados a meditação.

O silêncio não são palavras silenciadas, segredos sem dizer, o silêncio fala eternamente por ele mesmo, é significativo. Antes de proferirmos qualquer palavra somos silêncio dentro de nós mesmos.

Parece paradoxal propormos trazer para a discussão de gênero e sexualidade, o significado do silêncio na construção de estereótipos, discriminação e homofobia, e o quanto ele vai interferir no silenciamento dos sujeitos já pouco visibilizados e respeitado na cultura ocidental machista, hegemônica e binarista como a nossa.

Analisar o silêncio nos livros literários e paradidáticos de algumas bibliotecas públicas, municipal e estadual, é trazer à tona, é desvelar como o silêncio é significativo na trama de não reconhecer como sujeitos sociais aquelas e aqueles que rompem com as regras heteronormativas.

O silêncio é mais uma forma de apagamento, de desconstrução do sujeito social que não se enquadra no binarismo de gênero masculino/feminino, uma forma de anular sua identidade.

*O silêncio de que falamos não é sinônimo de vazio ou de ausência de som. É, ao contrário, uma “fala” rica de sentidos e parte integrante e significativa da estrutura narrativa e dramática do texto... (MELLO, 2003, pag 270).*

Grande são as possibilidades de significados do silêncio no texto literário e no discurso, pois, o silêncio é linguagem. O grande desafio é identifica-lo nos livros literários e paradidáticos e o quanto ele em suas multiplicidades de significação contribui para o silenciamento dos sujeitos.

*Sabemos entretanto, que o silêncio contém uma multiplicidade de significações e que ele fala tanto ou mais que as palavras, tornando-se uma forma estratégica de expressão e até mesmo uma tática de comportamento deliberado.* (MELLO, 2003, 270).

Ninguém dá atenção ao silêncio, não lhe dá a devida importância, pois, a palavra sobressai na comunicação, o som é mais audível, identificável, imediatamente interpretado. Os nossos sentidos estão educados para identificar e analisar os sons. Até mesmo no mais profundo silêncio buscamos os sons, o alvoroço dos pássaros a onomatopeia dos insetos.

O silêncio abriga muitas vezes os interditos sociais, aquilo que não pode ser explicitado em determinados espaços sociais, e a escola é um desses lugares de interditos diante de uma construção social, dada e mantida pela sociedade. Um desses tabus é sobre sexo e sexualidade que se esbarram principalmente nos conceitos religiosos da procriação.

É um silêncio imposto por algumas castas sociais, não para fazer calar, mas para impedir outros discursos. Calar aqueles que não coadunam com a hegemonia estabelecida, é um tipo de censura que vai afetar diretamente a identidade dos sujeitos. *Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outros discursos,* (ORLANDI 1997, 105)

Segundo Orlandi o silêncio é um modo de censurar os sujeitos, como tudo que está diretamente ligado ao sexo é censurado, a sexualidade apresenta-se como um dos temas mais inquietantes na organização escolar. É censurada, e a censura mexe diretamente com a identidade do sujeito não somente a partir da dimensão do sexo como caráter puramente biológico, fisiológico e anatômico, mas, a partir de sua dinâmica cultural.

*É importante reconhecer que a opção pela concepção naturalista de sexualidade pelo professor(a) e/ou pela escola repercute na constituição de uma identidade sexual única e fixa, o que levaria à produção de uma subjetividade que aponta somente para uma sexualidade normal, natural e heterossexual...* (NOVENA 2004, 1)

Historicamente existe uma política do silêncio em relação à implantação da educação sexual nas escolas brasileiras, só depois da implementação dos PCNs, não vamos detalhá-los aqui, a educação sexual às vezes é trabalhada como tema transversal, porém não faz parte do currículo formal.

A sexualidade sendo tratada apenas como tema transversal, gera uma escassez de materialidade cumprindo ou não aquilo que está institucionalizado e tido como natural. A não informação, o não dito, a não discussão no meio escolar, passa a ser o mecanismo de silenciar a educação sexual na escola, como já dito, sendo natural não tem necessidade de ensinamentos.

*Consideramos que esse processo de silenciamento da sexualidade e de suas múltiplas possibilidades de expressão constituiu uma das operações mais ativamente envolvidas na produção das subjetividades na prática da organização escolar. (NOVENA 2004, 3).*

Este processo de silenciamento abre lacunas incorrigíveis na educação, a falta de preparação de professores para trabalhar com a temática em salas de aula, abre brechas para a discriminação, o preconceito, e o homofobismo contra as pessoas que se atrevem viver sua sexualidade fora dos padrões pré-estabelecidos. Segundo Orlandi,

*(...) a censura é um processo que não trabalha apenas a divisão entre dizer e não dizer mas aquela que impede o sujeito de trabalhar o movimento de sua identidade e elaborar a sua história de sentidos; a censura é então entendida como o processo pelo qual se procura não deixar o sentido ser elaborado historicamente para não adquirir força identitária, realidade social etc. (ORLANDI, 2007, p. 168).*

A censura pode ser expressa pelo simples silêncio, é o não dizer para não dar visibilidade, e conseqüentemente não possibilitar a criação de uma identidade do sujeito. Portanto, este sujeito torna-se um objeto sem historicidade, sem identidade.

Aquilo que não é dito não é visível, não é exposto, é censurado, calado. Mas o silêncio pode se transformar em um tempo de preparação dos sujeitos silenciados, levando-os a

refletir sobre sua situação social, sobre suas atitudes, e transformar esse silêncio em sentido, em vozes, tornando-os visíveis.

No imaginário social, o silêncio não é visto sob uma perspectiva otimista, pelo contrário, ele é réprobo, incômodo para se pensar, mas percebe-se também que o silêncio é o lugar do desejo articulado, tramado, tecido, engendrado sem usar de palavras, mas se desvela pela força de seu significado, é o que podemos denominar silêncio de espera.

Mas o silêncio pode ser um tempo de preparação, de ecos e também receptáculo dos prolongamentos dos sentidos. Aquilo que não é dito, não é exposto, permite, às vezes, àquele que se cala, refletir sobre sua opinião, repensar suas atitudes. Segundo Orlandi (2002), o silêncio pode ser *imposto*, dominando e excluindo os sujeitos, tornando-os sem voz, e o silêncio *proposto*, apresenta-se como forma de resistência de defesa e proteção.

Os múltiplos significados do silêncio serve tanto ao opressor quanto ao oprimido. Mello (2003) diz: *Dessa forma, o silêncio do outro tem o mesmo valor que a palavra reprovadora*. Evidenciando o poder hierárquico de um sobre o outro, e Mello continua, a relação com o outro é sempre uma relação complexa, complementar e contraditória.

As múltiplas facetas, a potencialidade das múltiplas significações que no silêncio se encerra, torna o instigador, e identificá-lo no recinto escolar e como ele é utilizado para silenciar os sujeitos, reproduzir estereótipos, e fomentar a homofobia é trazer a luz das investigações o seu poder e o seu significado.

Analisar a presença do silêncio nos livros paradidáticos e literários é descortinar os mecanismos ocultos de reproduzir e justificar a discriminação aos sujeitos com orientação sexual diferente, e ignorar a educação sobre sexualidade mesmo que timidamente. Esses mecanismos ocultam a identidade dos sujeitos, tornando-os abjetos.

## **CAPÍTULO 4- O SILENCIO NOS LIVROS PARADIDÁTICOS E LITERÁRIOS, COMO CENSURA A SEXUALIDADE.**

Encontra-se muito material editado e disponíveis nos vários veículos de comunicação sobre gênero, sexo e sexualidade em um linguajar muito técnico e acadêmico que são estudados e compreensíveis por um número seletivo e restrito de pessoas que interessam pela temática.

Algumas escritoras e escritores do meio universitário debruçam sobre o assunto, discutindo-o enquanto produções sociais de comportamento que afetam a vida dos sujeitos, inseridos nesta sociedade, independentemente de suas escolhas, de gênero e religião.

Nos interessa investigar livros paradidáticos e literários disponíveis em três bibliotecas públicas, duas municipais na região do barreiro, e uma estadual no município de Ibirité. Vasculhando as bibliotecas selecionadas, não encontramos como já havíamos previsto muito material editado.

Em uma das bibliotecas municipais encontramos três exemplares que abordam ou fazem menção a uma das temáticas. Nas outras duas, e principalmente na escola estadual, não encontramos nenhum exemplar que abordasse pelo menos um dos assuntos.

Dentre os três livros encontra-se “Corpo, Gênero e sexualidade” de Guacira Lopes Louro, uma grande escritora e um ícone no tocante a temática. A qual tem sido referência nos estudos sobre gênero, e sexualidade, e o mais interessante deles. Os demais se quer abordam com profundidade o assunto, sempre a superfície, a tônica de sempre.

Com todo o avanço tecnológico, livros digitais, e as facilidades de encontrar textos sobre qualquer assunto na internet, às bibliotecas continuam com a sua magia, atraem e seduzem dos mais jovens aos mais idosos. Não há quem entre em uma biblioteca e não folie um livro, mesmo sem a convicta intenção de lê-lo.

Os leitores ou visitantes de uma biblioteca são primeiramente atraídos pela cor da capa, assunto abordado, espessura, quantidade de páginas, como que hipnotizados logo procuram um lugar para matar a curiosidade que é revelada naquelas páginas.

Mas quando se trata de questões de gênero, que envolvem a reflexão sobre os silêncios e seus sentidos, não há como não abordar, refletir sobre a concepção de sujeito do discurso. (MELLO, 2003, pag. 2588).

Este sujeitos que têm suas identidades invisibilizadas pela sociedade principalmente no âmbito escolar, e o silêncio passa a ser um elemento fundante, ultrapassa o sentido da palavra e é elevado a um espaço-condição para problematizar os padrões sociais heteronormativos, e problematizar a nossa compreensão de sociedade binária e o lugar social que ocupamos.

A desconstrução do conceito de sujeito abjeto imposto pelo silêncio a todos e todas que transgridem ao sistema binário, é de extrema importância para trazer ao debate questões ligadas ao gênero, a sexualidade, e a construção das identidades dos sujeitos heteros, em uma sociedade controladora, homogeneizando os comportamentos, os desviantes são execrados e processualmente excluídos da escola.

O silêncio como categoria fundante da linguagem é a matéria significante por excelência e neste sentido, para Orlandi “o silêncio é o real do discurso” (1997:89), ou seja, um continuum significante. E a escola o encontrou e o aplica muito bem para silenciar e ignorar os sujeitos que não estão de acordo com o binarismo e a heteronormatividade.

*O silêncio está, na verdade, representado em qualquer enunciação e está repleto de sentidos. O sujeito da enunciação muitas vezes sugere sem dizer e faz com que a linguagem adquira, paradoxalmente, uma leveza e um peso tal que a palavra tangencia o silêncio. (MELLO 2005).*

E quando não se encontra nas bibliotecas escolares exemplares em grande quantidade sobre gênero e sexualidade e o direito de exercê-la, a falta de projetos que envolvam a temática, professores e professoras que se recusam a abordar sobre sexualidade, mesmo

como tema transversal, contrariando orientação dos Parâmetros Curriculares, é uma maneira de afirmar o binarismo sexual heteronormativo.

A escola desde seu início produz as diferenças, hierarquizando e distinguindo os sujeitos, por idade, religião, posição social, homens e mulheres, cada qual com seu papel socialmente determinado. *A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui.* (LOURO, 56, 1997). Incluindo a orientação sexual.

Diante desta distinção e hierarquização os sujeitos muitas vezes não se sentem capazes ou dignos de assumirem determinados papéis sociais, tornam se abjetos silenciados.

*O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios...(LOURO,1997, 57 )*

Este olhar ao qual Louro se refere, é o olhar da escola e seus atores para combater o homogeneização dos corpos e mentes, cada sujeito é único, O silêncio que separa as falas e apaga os olhares é tão ou mais significativa que as palavras ditas no nível da conversação. Ele invisibiliza os sujeitos.

Há pouca editoração de livros paradidáticos que tratam da temática sobre gênero e sexualidade, há realmente uma intenção social de afirmação do binarismo, anulação e silenciamento dos que não vivem seus corpos universalmente, uma sexualidade dada naturalmente a homens e mulheres.

A sexualidade adquiriu uma centralidade muito grande nas sociedades modernas ocidentais, é difícil entendê-la como tendo as propriedades de fluidez e inconstância. Os desejos são múltiplos, o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que se é ou o que se pode tornar. Se há acordo com as normais sociais do que é natural ou se rompe com aquilo que é socialmente aceito.

Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de "marcas" biológicas; e isso é muito complexo, e pode ser uma dedução (e muitas vezes o é)

equivocada, nas sociedades ocidentais o corpo passou a ser marca de identidade e, muitas vezes o desejo e as necessidades estão em discordância com esse corpo.

Quando um indivíduo apresenta desejos não consonantes com seu corpo, fora dos parâmetros estabelecidos socialmente é melhor que permaneça no anonimato sem nenhuma dignidade. Assim, podemos falar no silêncio constitutivo, aquele que correspondente à política do silêncio,

A violência que subjaz as relações interpessoais não se exprime e não se revela, dessa forma, unicamente pela palavra em que ao dizer algo, se está, necessariamente, não dizendo outros sentidos.

*O silêncio, assim como todas as outras formas de linguagem não-verbal, é, de fato, portadora de agressividade ou pode ser interpretada como tal. (MELLO,2003,pag 2591)*

Neste capítulo foram abordadas várias maneiras de silenciar os sujeitos, e a escola onde seria o espaço para dar voz a quem não tem, transforma-se num espaço de afirmação da hegemonia de comportamento dos corpos, silenciando e ignorando as suas diversas identidades e desejos que um corpo pode assumir.

A sexualidade é a expressão e a fala do corpo.

*Ela não pode ser caracterizada como um "regime de silêncio", mas, ao contrário, como um constante e historicamente cambiante incitamento ao discurso sobre o sexo. (LOURO,2000 pág. 35)*

e ela constitui a verdade do corpo, uma identidade realmente expressa, uma configuração de poder, um processo de descoberta de si mesmo enquanto sujeito social e de desejos.

## **CAPÍTULO 5- A SEXUALIDADE E OS MECANISMO DE REGULAÇÃO E SILENCIAMENTO.**

Um meio de privar o sujeito de exercer os seus direitos em toda a sua plenitude, é privá-lo de conhecimento. Quando as narrativas sociais eram passadas de geração a geração oralmente, o risco de se perderem eram bem maiores, ou os indivíduos responsáveis por guardá-las e passá-las adiante modificá-las segundo suas intenções.

Na modernidade existem mecanismos eficazes para alienar os sujeitos, e privá-los de informações importantes que influenciarão em sua vida particular e social. Impedindo-o de acessar estas informações, ou modificando-as segundo outros interesses.

Com as facilidades tecnológicas da modernidade encontra-se publicações sobre os mais variados assuntos, tudo que se procura na internet há sempre algo a respeito, porém existe uma censura oculta sobre determinados assuntos. Ou não se encontra publicações, ou quando existem são superficiais, sem abordar com profundidade a temática.

Os textos que circulam nas mídias tratam apenas do que já está posto, o binarismo de gênero, masculino feminino, sua construção social, e as diferenças entre homens e mulheres e seus papéis nos vários contextos sociais.

Afirmando e reafirmando que as relações sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que apenas reforça os preconceitos e privilégios de um sexo sobre outro e ajuda na construção da identidade sexual das meninas e dos meninos, utilizando-se da disciplina como instrumento para orientar a conduta das crianças segundo seu gênero.

O conceito de gênero passa a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais este não está ao alcance da sociedade por que constitui uma ameaça ao já estabelecido como gênero masculino e feminino mesmo antes da criança nascer, e o poder que este exercerá sobre aquele.

As publicações que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos estas não estão nas bibliotecas escolares. Embora o movimento passe a ser evidenciado a partir do século

XIV, com Christine Pisan, primeira mulher indicada a ser poeta oficial da corte, reivindicando a mesma educação que se dava aos meninos para as meninas, a escolarização chegou para todos mas os direitos não.

*Muitos consideram que a sexualidade é algo, que todo nós mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. (LOURO, 2000, p25)*

Seguindo esta linha de raciocínio, onde a educação é vista como um a forma de alcance da igualdade, a escola não a entende assim ao não fazer projetos que tratem a sexualidade como algo de cada indivíduo, e ele pode e deve experienciá-la da forma que cada um se vê, independente da genitália, isto é construção de gênero e identidade.

Mas esta literatura não está disponível para os estudantes. Quando há algo sobre gênero e sexualidade está nas prateleiras no fundo das bibliotecas, fora do alcance dos frequentadores, como obras proibidas, restritas a poucos licenciados para manuseá-las. Transformando assim num mecanismo de regulação social, para manter o binarismo e negar todas as outras formas de conhecer e viver a sexualidade.

Apesar de todo o avanço tecnológico pós movimentos feministas ainda persiste as diferenças entre homens e mulheres, onde elas apesar de participarem ativamente ao lado dos homens no processo produtivo, não tiveram as conquistas estendidas a seu sexo.

Apesar da luta constante, as mulheres ainda não conseguiram igualar seus direitos, é difícil imaginar e até reivindicar os direitos dos homoafetivos, transexuais, travestis, entre outros gêneros não reconhecidos socialmente.

Seguindo este viés a afirmação da igualdade de sexos e gêneros é necessário à desmistificação de papéis, inclusive nos meios de comunicação. É uma luta árdua, pois é nos meios de comunicação que se constrói os estereótipos, determina papéis e reforça as razões culturais da desigualdade sexual e de gênero, com base nos fatores biológicos.

É com base nesta ideia de predestinação de homens e mulheres de cumprirem papéis opostos na sociedade, atribuindo ao homem uma posição de mando decorrente de uma

hierarquia mascarada, mais uma vez a dimensão social do sexo opera entre sexo forte versus sexo frágil.

*O gênero não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais feministas têm crescentemente argumentado, uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável — um poder historicamente enraizado. (LOURO, 2000, p 39)*

Um poder histórico que silencia o sexo oposto sendo estes comportamentos apreendidos por meio do processo de socialização que dá a cada sexo uma atribuição de funções sociais diferentes e específicas. Não permitindo que haja ruptura das regras historicamente estabelecidas. É uma segregação de gênero, social e política que as mulheres e outros grupos sociais são historicamente submetidas.

Há uma gama variada de trabalhos sobre o assunto incluindo a teoria Queer, mas que não está presente no espaço escolar, e nem sobre ele se comenta, é tratado como se fosse um tabu. Percebe-se o desconforto de determinados homens diante do avanço do movimento feminista e dos homossexuais. Ignorar a temática é apagar do convívio social os que nele se enquadram ou estão engajados, é uma maneira de silenciar o pensar do diferente.

As reflexões sobre gênero, se desvinculadas das reflexões sobre sexualidade desenvolvidas no âmbito dos Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria Queer, correm o risco de criar outras identidades estáticas, quando ainda excluem uma multiplicidade de possibilidades, tanto com relação ao próprio papel social desempenhado por homens e mulheres, quanto pela vivência do seu desejo expresso através da sexualidade.

“Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 11). Quando não se discute outros gêneros no âmbito escolar, valorizando-se apenas o binarismo, enfatizando-o é um modo social de manter em silêncio os considerados desviantes.

Ao afirmar ou evidenciar o que é socialmente aceito masculino/feminino como construtos sociais não reconhecendo outras manifestações da sexualidade, são mecanismos de regulação e imposição de silêncio as demais formas de expressar os desejos corporais.

A escola encontrou uma forma de regular as diversas manifestações de sexualidade, ignorar a sua existência. Não preocupar em ter em seu acervo livros, revistas e artigos acadêmicos que vislumbre e jogue luz sobre gênero e sexualidade, oportunizando aos seus frequentadores refletir sobre o tema, e com isso perde-se a oportunidade de diminuir a homofobia e discriminação aos diferentes.

Os movimentos feministas perceberam que as diferenças poderiam lhes trazer benefícios antes negados, e que as mulheres necessitavam de direitos diferentes e, que nem sempre direitos iguais promoviam a igualdade.

Assim deve ser a reflexão sobre as condutas consideradas desviantes, primeiro que sejam vistos como seres humanos, serem aceitos e respeitados socialmente, dentro e fora de espaço escolar, outros direitos virão no bojo das reformas políticas e sociais.

Cada grupo social tem suas especificidades decorrentes das construções e das condições históricas e culturais de cada sociedade. As diferenças inscritas nos corpos requerem reflexões especiais para se alcançar a igualdade entre os diferentes grupos, direitos diferenciados sem privilégios, mas que promovam a igualdade de condições.

Para Louro (1999), *uma das mais significativas marcas dos Estudos feministas era seu caráter político...* Sem esta reflexão continuarão os privilégios de classe e a hierarquização, masculino sobre o feminino, o heterossexual socialmente aceito e os homoafetivos discriminados, tornando-se abjetos sociais, mesmo no espaço escolar.

Quando Guacira Louro nos fala de corpos educados é o enquadramento desses corpos em comportamentos socialmente aceitos. Contra essa forma de pensamento, as feministas ressaltavam como essas características são representadas ou valorizadas, o que vai constituir de fato o que é masculino ou feminino. Porém, novas concepções de gênero estão surgindo no interior de cada sociedade, ao considerar os diversos grupos que a constituem.

Levando em consideração o social e as relações de poder, as questões relacionadas a gênero estão associadas ainda a valores culturais e a construções históricas (LOURO, 2007) assumindo desta maneira uma complexidade ainda maior.

Por isso ainda é mecanismo de regulação social, hierarquização dos sujeitos e de certo modo silenciar os desviantes,

dada a sua complexidade e a falta de projetos e políticas para serem trabalhadas no espaço escolar, por mais que tenha suas falhas é o caminho mais curto para uma sociedade com menos preconceito e homofobismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito e que se fazer e publicar sobre gênero e sexualidade, em uma linguagem mais acessível e menos acadêmica e que desperte o interesse das editoras em publicá-las.

Falta publicações específicas que trate de forma direta sobre a temática para as séries básicas, e um trabalho no espaço escolar para romper com tabus ainda muito arraigados.

Ainda constitui tabu falar de sexo e sexualidade na escola, por questões religiosas, e a falta de interesse dos docentes em querer abordar o assunto.

Há um equívoco e quando tantas adolescentes engravidam, uma gravidez indesejada, não planejada e que muitas das vezes constituem risco a saúde da jovem mãe.

Ainda assim tanto a sociedade quanto a escola, que é um reflexo desta sociedade, insistem em não abordarem a temática, que além de esclarecer e romper com os preconceitos inclusive os de gênero, antes os reforçam e os perpetuam.

Se as adolescentes recebessem orientação sexual na escola, fossem orientadas para viverem a sua sexualidade com responsabilidade, entendendo o seu corpo, seja como hetero o homo afetiva, não seriam vistas talvez somente como objeto sexual.

Não seriam desrespeitadas e saberiam lutar para garantir seus direitos em todas as camadas sociais, independente de credo religioso, etnia, ou status social.

Seriam vista e respeitadas como mulher não como um ser frágil historicamente, diferente sim, mas que exerce um papel preponderante na perpetuação da espécie humana e, portanto, merecedora de respeito em suas particularidades.

Um trabalho que envolvesse toda a escola abriria espaço para os homoafetivos, tão silenciados no espaço escolar. Muitos evadem por não suportarem e discriminação. Sem escolarização exercem papéis secundários ou vão prostituírem para garantir a sobrevivência.

Este é o desenho do espaço escolar, com todas as políticas de inclusão social, deveria haver pesquisas para saber de fato quem são os incluídos nesse processo, e quem continua sendo os excluídos.

Se a escola nega a debater sobre sexo e sexualidade e as questões de gênero, alguém em uma sociedade machista, hegemônica, heterossexista e discriminadora como a brasileira, alguém está ficando a margem.

Percebe-se que há muito, o que discutir para que a escola seja um espaço de debate sobre as questões de gênero, menos conteudista e mais pratica em suas ações pedagógicas, que saiba entender e combater o silenciamento dos diferentes, tornando-se mais democrática e acolhedora de fato.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

LOURO, Guacira Lopes (organizadora) O CORPO EDUCADO Pedagogias da sexualidade.

LOURO, Guacira Lopes, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, Bell Hooks, Richard Parker, Judith Butler Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 2ª Edição Autêntica Belo Horizonte 2000.

LOURO, Guacira Lopes, Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista / Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELLO, R. Intersubjetividade e enunciação. MARI, H. et al. (Orgs.) *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 227-238.

MELLO, R. (org.) *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.

NOVENA, Nádia Patrícia. A sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio. Tese de Doutorado. Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004. 260 p.

OLIVEIRA, Vânia M.R. de CAMPISTA, Valesca do R. **O silêncio: multiplicidade de sentidos**. In: **SINAIS - Revista Eletrônica** - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, outubro. 2007. pp.107-120.

ROSEMBERG, Fúlvia. COMBATE AO SEXISMO EM LIVROS DIDÁTICOS: CONSTRUÇÃO DA AGENDA E SUA CRÍTICA, *Cadernos de Pesquisa*, v.39, n.137, p.489-519, maio/ago. 2009.